

Metáfora paterna – Nome do Pai – Metonímia do desejo

Psicanálise IV – (2008)
Joel Dor – Capítulo 13 –
Metáfora paterna – Nome-do-Pai – Metonímia do desejo

A brincadeira do carretel. O texto de Dor tem início pela referência à observação feita por Freud, da brincadeira de uma criança de um ano e meio que simboliza a ausência da mãe (“*oooh*” = “*fort*” = “embora”) e o retorno (“*ah*” = “*da*” = “aqui”), atirando e depois puxando um carretel pela linha.

Dor comenta que se trata da passagem da posição “passiva” para a posição “ativa”. Acrescenta que o processo evidencia a mudança da posição de objeto para a posição de sujeito.

Tal conclusão, porém, se aplicaria se se tratasse da aquisição da linguagem. O “*fort-da*”, brincadeira observável a partir do primeiro ano de vida, situa-se ainda no momento em que a criança está na fase da repetição especular. A descrição feita por Freud em ‘*Além do Princípio do Prazer*’ (1920) é muito mais indicativa de que se trata aí da *consolidação da posição de objeto*, porque a brincadeira do carretel mostraria que a criança adquiriu a segurança de reaver a presença da “mãe” (o(s) adulto(s) que a cuida(m)) graças a seu chamado (ou seja, sua capacidade de comunicação, que deve ser claramente diferenciada da aquisição da língua materna).

Daí a segurança expressa por “puxar o carretel”. Puxar o carretel e pronunciar “a” (“Da = aqui”), metaforiza a possibilidade de trazer a “mãe” de volta através do chamado, ou seja, da comunicação, que não é senão a expressão, por parte da criança, do desejo dos adultos. (Recordemos: antes da aquisição de linguagem, não há posição de sujeito, logo, não há desejo próprio).

Da mesma maneira que a constituição do sujeito terá início pela aquisição da linguagem (rede fonética, pronúncia do “eu”) e se completará pelo “não” dirigido à própria pessoa, significando reconhecimento do desejo do outro, (processo que na terminologia freudiana é definido como “*formação ou internalização do superego*”), o primeiro momento da constituição do sujeito é o da construção da posição de *objeto*.

O seu início é marcado pelo estágio do espelho, cuja culminação se dá pela pronúncia da palavra especular (justamente o momento em que se encontra a criança do *fort/da* do exemplo acima). A palavra especular, recordemos, designa um momento prévio à aquisição da linguagem, momento em que a criança apresenta comportamento comunicativo[1], duplicando sílabas para demandar pessoas, objetos, situações, atividades.

Como a posição de sujeito se diferenciaria da posição de objeto? A posição de sujeito tem início com a aquisição da língua materna (oral ou gestual)[2], o que significa a “*internalização*” da rede fonética, que se apossa dos sons associados a pessoas, objetos,

ações, situações. Esses sons caracterizam-se como palavra especular (repetição do ouvido o visto pelo *infans*). Ou seja, a aquisição de linguagem acontece quando a rede fonética se apropria do vocabulário comunicativo construído com base na palavra especular. Ao não fazer a diferenciação entre palavra especular e rede fonética, Dor está confundindo comunicação (palavra especular) com os conceitos ‘cadeia do significante’ e ‘cadeia do significado’, propiciados pela rede fonética e que se consubstanciam no discurso (identidade).

A substituição do S¹ (significante fálico = ser o falo da mãe) pela intervenção do Nome-do-Pai S² (significante da separação) define o recalque primário (“repressão”[3] primária). O recalque primário produz a divisão consciência/inconsciente. Essa divisão tem como consequência o acesso do *infans* à posição de sujeito. O fenômeno central para dar conta da separação da criança em relação ao campo desejante (ou seja, da construção da posição de sujeito) é justamente a aquisição de linguagem (língua materna). O recalque secundário se define pela internalização da regra (o “não” auto-dirigido, portanto o reconhecimento da existência do outro enquanto desejante, isto é, a formação do supereu).

Novamente a questão da metáfora: lembrar que no caso, trata-se da substituição do ser (ser o falo = completude, posição de objeto), *o verbo ser designando uma abstração*, por ter (posição concretizada pela aquisição da linguagem). A substituição do ser pelo ter inaugura o “mecanismo” metafórico, ao concretizar uma significação abstrata (no caso a completude) de maneira a colocar o sujeito na posição de sujeito absoluto (que a internalização do ‘não’ modificará, colocando a criança na posição de sujeito desejante). A substituição de um ‘significante’[4] por outro se dá através do mecanismo da substituição do abstrato (=ser o falo) pela linguagem. A posição de sujeito permite reivindicar a posse do objeto da demanda (que representa o desejo inconsciente, sempre indiretamente e sempre parcialmente).

O A sobre a barra: “Autre” (Outro). Nesse momento, o Outro é a Linguagem que de fato substitui o desejo materno. O “pai” (campo normativo) é a metáfora da Cultura, da Linguagem, da Interdição do Incesto (isto é, interdição da identidade de objeto).

Consequência: todo discurso “manifesto” (“consciente”) referirá metaforicamente o recalque originário, ou seja, a separação com a “mãe” (melhor: o campo desejante), isto é, a maneira pela qual o sujeito concebe a sua condição desejante,

A condição desejante pode ser concebida como regra cruel a ser obedecida [neurose], norma a ser burlada com culpa [perversão ou transgressão], ou prazer (criatividade [sublimação]). Todas essas possibilidades ocorrem em algum grau (ou seja, não há relação com o objeto da demanda/desejo que possa ser caracterizada inteiramente pelos termos “neurose”, “perversão” ou “sublimação”, ou, em outras palavras, não há “100%” de qualquer posição na relação com o objeto)

A condição desejante pode não ser alcançada [autismo e esquizofrenia infantil] ou alcançada e perdida, transitória ou definitivamente (surto psicótico no adulto).

A metonímia do desejo

Dor menciona o ser e o ter. Faltou, entretanto, diferenciar entre o ter fálico [mania-depressão] e o não fálico [neurose-perversão], este último definido pelo “ter” após a “castração”, isto é, após o não auto-dirigido (superego). Também faltou a menção ao fazer, verbo associado à sublimação.

O esquema pode ser apresentado como segue:

Não ser (indiferenciação)

Ser (posição de objeto, ou seja, o resultado do estágio do espelho, se acontecer a identificação à imagem dada pelo Outro)

Ter , (primeira posição de sujeito, [sujeito absoluto] momento inicial do Édipo)

Ter , caracterizado pelo fazer criativo (segunda posição de sujeito, surgimento do supereu, na medida em que a relação com a falta for prazerosa, ou seja, sublimação)

Na neurose e na perversão, o supereu está associado à proibição do objeto (neurose) ou à relação de dependência (perversão), em que a falta tem uma dimensão conflitiva.

“O “Nome-do-Pai” intima a criança a tomar a parte pelo todo”: (todo = falo, parte = os objetos substitutos, criados pela aquisição da linguagem).

Leitura das fórmulas

1) Linha superior: sujeito desejante. Linha inferior: objeto de desejo. Equação final: desejo (inconsciente) sobre falo. (Sujeito desejante sobre sujeito fálico).

2) S²: Aquisição da linguagem.

S¹: (desejo da “mãe” [campo desejante] cujo objeto é o *infans*, ou seja, o bebê em posição de objeto do desejo materno, e cuja identidade é a de objeto fálico).-

$$\frac{\text{---} S_2 \text{---}}{\$} \quad \frac{\text{---} S_1 \text{---}}{x} \quad \frac{S_2 (\text{---} I \text{---})}{x}$$

Passagem de ser o falo para ter o falo. A: Linguagem. (A como o Outro da cultura, da linguagem, não mais como o Outro referido à figura materna ou campo desejante). (Neste esquema não fica claro se se trata do Nome-do-Pai associado ao significante fálico, ou já desfalicizado. Pois a intervenção do “Nome-do-Pai” comportaria as duas possibilidades, que se sucedem [quando se sucedem]).

Nome-do-Pai Desejo da mãe Nome-do-Pai (A)

Desejo da Mãe Significado do sujeito (Falo)

Na sequência, o A de Outro (Autre) (o Outro sendo nesse caso a linguagem) transforma-se em I de inconsciente. Este I representa, em si, a divisão Ics/Cs; o s'(minúsculo) é o que tipifica o conteúdo do recalco (falo ou completude).-

S2 S1 S2 (I)
\$1 s1 s1

[1] Comportamento que não é qualitativamente diferente do que um animal doméstico seria capaz de fazer.

[2] A criança surdo-muda, exatamente como acontece com a segunda geração (as crianças) de uma comunidade de imigrantes cujos vernáculos nativos são diferentes, é capaz de “criar” um código de comunicação próprio. Em relação às crianças nascidas de famílias de imigrantes com vernáculos diferentes, elas criam o que se chamaria de língua crioula (língua nativa), como aconteceu (o exemplo é célebre), no Havaí, no começo do século XX, com crianças oriundas de famílias falantes de línguas tão diferentes como o malaio, o japonês, os dialetos jamaicanos.

[3] O termo repressão é uma tradução inadequada do “Verdrängung” freudiano, que refere um processo inconsciente, sendo mais adequado traduzi-lo por recalco, enquanto a palavra repressão (Unterdrückung, em alemão) designaria um processo consciente.

[4] Seria melhor dizer: discurso
